



## AVALIAÇÃO ESTÉTICA DE CENAS URBANAS HISTÓRICAS E CONTEMPORÂNEAS COM DIFERENTES NÍVEIS DE ORDEM E ESTÍMULO VISUAL

**Antônio Reis (1); Camila Biavatti (2); Maria Lourdes Pereira (3)**

- (1) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – Faculdade de Arquitetura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail: [tarcisio@orion.ufrgs.br](mailto:tarcisio@orion.ufrgs.br)  
(2) Faculdade de Arquitetura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail: [camila.biavatti@hotmail.com](mailto:camila.biavatti@hotmail.com)  
(3) Faculdade de Arquitetura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil – e-mail: [mlseadi@hotmail.com](mailto:mlseadi@hotmail.com)

### RESUMO

Este artigo investiga a relação entre a avaliação estética, por pessoas com formação em arquitetura e em outras áreas, de cenas urbanas históricas e contemporâneas e os níveis de ordem e estímulo visual em tais cenas. Com base nestas avaliações, discute a dicotomia entre estética filosófica e estética empírica, assim como o impacto da estética formal e da estética simbólica. Existe a necessidade de mais pesquisas para examinar a dicotomia entre a estética filosófica e a estética empírica, assim como para verificar o impacto da estética formal e da estética simbólica, e a existência de diferenças entre as avaliações de arquitetos e não-arquitetos com formação superior. Os dados foram coletados através de levantamentos de arquivo, levantamentos físicos com registros fotográficos, e entrevistas e questionários aplicados a 60 arquitetos e 60 não-arquitetos com curso superior, incluindo um kit fotográfico com duas folhas A3, cada folha com três cenas urbanas. Estas representam cenas com edificações contemporâneas (três cenas) e históricas (três cenas) em Porto Alegre, num total de seis cenas categorizadas em: ordem e estímulo visual; ordem e pouco estímulo visual; e desordem. Dados dos questionários foram analisados através de testes estatísticos não-paramétricos, tais como Mann-Whitney U e Kendall W. As entrevistas foram analisadas através da freqüência e significado das respostas. Os resultados mostram, por exemplo, que as cenas com ordem e estímulo tendem a ser avaliadas positivamente e a serem preferidas, enquanto as cenas com desordem tendem a ser avaliadas negativamente e a estarem em último lugar na ordem de preferência. Esta pesquisa contribui, por exemplo, para um melhor entendimento sobre a dicotomia entre estética filosófica e estética empírica, sobre o impacto da estética formal e da estética simbólica, assim como acerca das avaliações estéticas de pessoas com formação em arquitetura e em outras áreas.

Palavras chave: avaliação estética, estética empírica, estética formal, estética simbólica, ordem, estímulo visual

## 1 INTRODUÇÃO

A qualidade estética de uma cidade, além de melhorar a vida de seus residentes, tem um impacto fundamental no turismo e assim, na economia da cidade. A importância de uma experiência urbana agradável tem sido entendida por alguns como um dos três objetivos principais do desenho urbano, somado à eficiência econômica e social e à saúde biológica (PORTEOUS, 1996). Ainda, a importância da estética urbana está relacionada fundamentalmente à sustentabilidade social, uma dimensão do desenvolvimento sustentável que foca nos aspectos sócio-culturais, nas atitudes e comportamentos dos usuários (SADAN; CHURCHMAN, 1997).

É possível identificar duas abordagens estéticas, a empírica e a filosófica. Enquanto a primeira trata de entender “O que proporciona prazer às pessoas e por que” (LANG, 1987, p. 179), argumentando que a beleza está mais no que é percebido, a segunda acredita que a beleza está nos olhos de quem vê e, portanto, como sugerido por Ruskin (1885 em LANG, 1987), os valores estéticos não podem ser objetos de estudos científicos. Embora o campo da estética empírica tenha progredido, não parece estar sendo devidamente considerada no que diz respeito à prática e educação arquitetônica. Em contraposição, a estética filosófica aparenta ter dominado o ensino da arquitetura em várias escolas em diferentes países. Contudo, se o objetivo é entender as respostas estéticas das pessoas no que se refere à arquitetura e desenho urbano, torna-se necessário considerar a estética empírica e mostrar resultados que evidenciem a sua importância e o seu poder de explicação. A estética empírica, esta está relacionada à estética formal e à estética simbólica. Como afirmado por Lang, (1987, p. 183), “Implícita ou explicitamente, a maioria das especulações quanto à natureza da experiência estética sugere que esta consiste em valores sensoriais, formais e de associações.”

A estética formal trata dos atributos formais percebidos em um edifício (como a forma geométrica, a cor e o tamanho), incluindo os elementos arquitetônicos e suas relações (LANG, 1987), e “resulta de um processo de organização perceptiva, a qual é funcionalmente independente do processo de organização cognitiva [o que inclui, por exemplo, memória, reconhecimento e valores pessoais] (WEBER, 1995, p. 74). Como já identificado pela Psicologia da Gestalt, o processo de percepção pode explicar a similaridade entre as respostas visuais de pessoas com distintas bagagens culturais a alguns padrões formais (ARNHEIM, 1977; PRAK, 1985; VON MEISS, 1993). Ainda, a satisfação com fachadas de edificações parece estar relacionada à percepção de ordem ou unidade e estímulo visual, e, portanto, à estética formal (PRAK, 1985; LANG, 1987, 1988; NASAR, 1997, 1998). Por exemplo, as preferências estão associadas à inclusão de ordem na fachada de uma edificação ou na fachada de edificações vizinhas (GROAT, 1988; NASAR, 1997, 1998). O efeito positivo da idéia de ordem poderia ser justificado pelos processos fisiológicos baseados em princípios biológicos inatos (WEBER, 1995). Mesmo assim, este efeito positivo de ordem estaria condicionado à existência de algum estímulo, gerado por variações controladas ou contrastes (PURCELL, 1984; LOZANO, 1988; MARTINDALE, 1988; PORTEOUS, 1996; NASAR, 1998;).

A estética simbólica lida com as associações feitas com as propriedades formais do edifício e é explicada pelo processo de cognição. Embora os processos de percepção e cognição sejam partes de um mesmo evento, a percepção ocorre antes de o indivíduo prestar atenção ao significado e valor de um objeto, ou seja, antes do processo de cognição. Logo, a distinção entre forma e significado é justificada com base na distinção entre os processos de percepção e cognição; o significado, ao contrário da percepção da forma, não resulta diretamente de um estímulo visual, mas é a consequência de interpretações através das quais valor é atribuído, baseado em concepções externas associadas à forma (WEBER, 1995; REIS; LAY, 2006). Por conseguinte, o valor que uma pessoa associa a um edifício pode afetar a sua avaliação estética de tal edifício. Este valor dependeria, por exemplo, da história e atributos formais do edifício e das características pessoais, como memória e experiências passadas, incluindo o conhecimento acadêmico. Alguns argumentam que há uma discrepância entre as avaliações estéticas entre arquitetos e não-arquitetos (veja, por exemplo, LANG, 1987). Contudo, isto não está estabelecido nem está conclusivamente evidenciado que o significado derivado da valores históricos de um edifício é determinante para afetar a avaliação estética. Embora a estética formal pareça ser mais consistente para explicar as respostas estéticas das pessoas do que a estética simbólica, esta tendência necessita ser confirmada e, ainda, é necessário o melhor entendimento das razões que possam justificar as avaliações referentes à arquitetura com valor histórico. Neste sentido, avaliações

de cenas urbanas com variações em harmonia e estímulo visual, e com valores históricos distintos, podem proporcionar um conhecimento adicional referente à dicotomia entre a estética filosófica e empírica e o melhor entendimento do impacto da estética formal e simbólica.

## 2 OBJETIVO

O propósito deste artigo é investigar a relação entre a avaliação estética de cenas urbanas contemporâneas e históricas e níveis de ordem e estímulo visual. Como decorrência, é examinada a dicotomia entre a estética empírica e filosófica, bem como o impacto da estética formal e simbólica. A diferença aparente entre avaliações estéticas de arquitetos e não-arquitetos com formação superior é também discutida.

## 3 METODOLOGIA

Os dados foram coletados através de questionários e entrevistas aplicados a 60 arquitetos e 60 não-arquitetos com formação superior. Os questionários foram constituídos por questões simples e de múltipla escolha, elaboradas com o intuito de avaliar as cenas, identificando as preferências e suas justificativas. Entrevistas estruturadas foram aplicadas para melhor identificar o potencial impacto da estética simbólica, especificamente, o efeito da familiaridade e do valor histórico, na avaliação estética das cenas urbanas. Questionários e entrevistas foram complementados por um kit fotográfico, o qual consistiu em duas pranchas em formato A3 (Figuras 1 e 2), cada uma contendo três cenas urbanas (representando um quarteirão de cem metros) dispostas na seguinte sequência: cenas compostas por edifícios históricos de Porto Alegre (três cenas; Figuras 3,4 e 5) e cenas compostas por edifícios contemporâneos de Porto Alegre (três cenas; Figuras 6,7 e 8). Estas seis cenas representaram três categorias (não mencionadas ao respondente), com duas cenas em cada categoria: ordem e estímulo visual – cenas com uma clara organização dos elementos arquitetônicos e compatibilidade entre os edifícios que as compõe, com um claro estímulo visual ou foco de atenção (Figuras 3 e 7); ordem e pouco estímulo visual – cenas com uma clara organização dos elementos arquitetônicos e compatibilidade entre os edifícios que as compõem, mas com baixo estímulo visual, o que pode gerar monotonia (Figuras 5 e 8); e desordem – cenas sem organização, tanto entre os edifícios que as compõem quanto entre os elementos arquitetônicos dos edifícios (Figuras 4 e 6). As cenas estão numeradas conforme a numeração utilizada no kit fotográfico, não tendo sido utilizada neste artigo as cenas 1, 2 e 3 da prancha 1 (Figuras 3-8).



**Figura 1** - Prancha com cenas históricas de Porto Alegre



**Figura 2** - Prancha com cenas contemporâneas de Porto Alegre

As cenas históricas de Porto Alegre são constituídas por edificações consideradas de valor histórico e/ou artístico e tombadas por instituições públicas em nível local (EPAHC), estadual (IPHAE) e federal (IPHAN) responsáveis por preservar o patrimônio cultural. As cenas contemporâneas de Porto Alegre são constituídas por edifícios comerciais construídos de 1990 em diante. As cenas foram

editadas a fim de corrigir distorções nos edifícios causadas pela lente da câmera fotográfica e pelo próprio ângulo de visão, de eliminar todo elemento que pudesse interferir na avaliação das cenas (por exemplo, vegetação, postes de luz, lixeiras), de efetuar alterações necessárias nas fotografias dos edifícios e de arranjar os edifícios de modo a criar uma cena que representasse efetivamente a categoria. Os dados obtidos pelos questionários foram analisados através de testes estatísticos não-paramétricos como Mann-Whitney U e Kendall W. O primeiro identifica a existência ou inexistência de uma diferença estatisticamente significativa nas avaliações realizadas para cada cena pelos grupos de arquitetos e não-arquitetos com formação superior. O último identifica a existência ou ausência de uma diferença estatisticamente significativa nas avaliações realizadas para as seis cenas por cada um dos dois grupos.



**Figura 3** – Cena 4: cena histórica com ordem e estímulo histórico



**Figura 4** – Cena 5: cena com desordem histórica



**Figura 5** – Cena 6: cena com ordem e pouco estímulo histórico



**Figura 6** – Cena 7: cena com desordem histórica



**Figura 7** – Cena 8: cena com ordem e estímulo contemporânea



**Figura 8** – Cena 9: cena com ordem e pouco estímulo contemporânea

## 4 ANÁLISE DE RESULTADOS

### 4.1 Análise dos graus de satisfação com a aparência das cenas

A cena 4 (cena com ordem e estímulo histórico) foi avaliada pela expressiva maioria da amostra total de respondentes (85,0%) como bonita e muito bonita, sendo a cena esteticamente mais satisfatória (Tabela 1). Este resultado tende a se reproduzir nos grupos dos arquitetos e não-arquitetos com formação superior, não existindo uma diferença estatisticamente significativa entre as avaliações destes dois grupos. A cena 4 foi, portanto, avaliada positivamente, o que tende a ser justificado pela presença da idéia de ordem e estímulo. Em contraposição, a cena 5 (cena com desordem histórica) foi julgada feia ou muito feia por 48,3% da amostra total de respondentes, sendo esteticamente insatisfatória (Tabela 1). Entretanto, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre as avaliações realizadas por arquitetos e não-arquitetos com formação superior (Mann-Whitney,  $sig=0,001$ ). Enquanto a cena 5 foi considerada feia ou muito feia pela evidente maioria de arquitetos (63,3%), para a amostra de não-arquitetos com formação superior, a porcentagem de respondentes que julgou a cena 5 bonita ou muito bonita (35%) foi semelhante à porcentagem que a julgou feia ou muito feia (33,3%), sugerindo que a idéia de desordem causa maior impacto nos arquitetos, embora um percentual expressivo de não-arquitetos com formação superior também estivesse insatisfeito com a cena 5.

A cena 6 (cena de ordem e pouco estímulo histórico) foi avaliada como bonita ou muito bonita por 49,2% da amostra total de 120 respondentes, sendo considerada esteticamente mais satisfatória que insatisfatória (Tabela 1). Este resultado tende a ocorrer nos dois grupos, não havendo uma diferença estatisticamente significativa entre as avaliações efetuadas pelos mesmos, e parece ser explicado pela presença de ordem na composição da cena. A cena 7 (cena com desordem contemporânea) foi julgada

feia ou muito feia pela maioria da amostra total de respondentes (48,3%), sendo considerada esteticamente mais insatisfatória que satisfatória (Tabela 1). A avaliação negativa da aparência da cena 7 tende a ocorrer entre arquitetos e não-arquitetos com formação superior, não existindo uma diferença estatisticamente significativa entre as avaliações efetuadas pelos respondentes das duas amostras. Contudo, o impacto negativo causado pela aparência da cena 7 foi maior nos arquitetos do que nos não-arquitetos, o que sugere, novamente, uma maior valorização da idéia de ordem pelos arquitetos.

A cena 8 (cena com ordem e estímulo contemporânea) foi julgada bonita ou muito bonita por 41,6% da amostra total de 120 respondentes, sendo considerada bem mais satisfatória do que insatisfatória (Tabela 1). Este resultado tende a ocorrer para as amostras de arquitetos e não-arquitetos com formação superior, não existindo uma diferença estatisticamente significativa entre as avaliações realizadas pelos dois grupos. A cena 9 (cena de ordem e pouco estímulo contemporânea) foi avaliada como feio ou muito feio por 40,8% da amostra total de respondentes, sendo considerada esteticamente mais insatisfatória que satisfatória (Tabela 1). No entanto, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre as avaliações efetuadas por arquitetos e não-arquitetos (Mann-Whitney U,  $sig=0,001$ ). Dentre os arquitetos, a cena 9 foi avaliada como nem bonita nem feia pelo percentual mais expressivo (41,7%), havendo um equilíbrio entre as avaliações positivas e negativas, enquanto 53,4% da amostra de não-arquitetos com formação superior a julgou feia ou muito feia (Tabela 1), indicando que a ordem presente na cena não foi suficiente para promover a satisfação dos respondentes e que o pouco estímulo afetou negativamente a avaliação.

**Tabela 1-** Graus de satisfação com a aparência das cenas

Níveis de satisfação	Cena 4	Cena 5	Cena 6	Cena 7	Cena 8	Cena 9
<b>Total da amostra – 120 respondentes</b>						
Muito bonita	33,3%	5,0%	6,7%	5,0%	10,8%	4,2%
Bonita	51,7%	18,3%	42,5%	23,3%	30,8%	16,7%
Nem bonita nem feia	10,0%	28,3%	35,0%	23,3%	36,7%	38,3%
Feia	4,2%	37,5%	13,3%	35,0%	18,3%	30,0%
Muito feia	0,8%	10,8%	2,5%	13,3%	3,3%	10,8%
mvo Kendall	5,07	2,75	3,91	2,84	3,68	2,75
<b>Arquitetos – 60 respondentes</b>						
Muito bonita	28,3%	3,3%	5,0%	3,3%	11,7%	5,0%
Bonita	60,0%	8,3%	40,0%	20,0%	36,7%	25,0%
Nem bonita nem feia	6,7%	25,0%	36,7%	18,3%	38,3%	41,7%
Feia	5,0%	50,0%	15,0%	45,0%	11,7%	23,3%
Muito feia	0,0%	13,3%	3,3%	13,3%	1,7%	5,0%
mvo Kendall	5,12	2,29	3,80	2,56	3,96	3,28
mvo M-W	59,21	50,35	57,27	55,05	66,08	70,15
<b>Não-arquitetos com formação superior – 60 respondentes</b>						
Muito bonita	38,3%	6,7%	8,3%	6,7%	10,0%	3,3%
Bonita	43,3%	28,3%	45,0%	26,7%	25,0%	8,3%
Nem bonita nem feia	13,3%	31,7%	33,3%	28,3%	35,0%	35,0%
Feia	3,3%	25,0%	11,7%	25,0%	25,0%	36,7%
Muito feia	1,7%	8,3%	1,7%	13,3%	5,0%	16,7%
mvo Kendall	5,02	3,21	4,02	3,13	3,41	2,22
mvo M-W	61,79	70,65	63,73	65,95	54,93	50,85

Nota: mvo Kendall = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W; mvo M-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Mann-Whitney U; a comparação entre os valores de mvo Kendall deve ser feita na horizontal, entre as cenas; a comparação entre os valores mvo M-W deve ser feita na vertical, entre os grupos; as cenas 1, 2 e 3, não foram consideradas neste artigo.

#### 4.2 Identificação das cenas mais satisfatórias e insatisfatórias

Uma diferença estatisticamente significativa foi encontrada nas avaliações referentes à aparência das cenas efetuadas pela amostra total de 120 respondentes (Kendall W,  $\chi^2=169,706$ ,  $sig.=0.0000$ ), pela

amostra de arquitetos (Kendall W,  $\chi^2 = 108,636$ , sig.=0.0000) e pela amostra de não-arquitetos com formação superior (Kendall W,  $\chi^2 = 87,807$ , sig.=0.0000). A cena 4 (cena com ordem e estímulo histórica), a cena 6 (cena com ordem e pouco estímulo histórica) e a cena 8 (cena de ordem e estímulo contemporânea), consideradas as mais satisfatórias esteticamente para a amostra de 120 respondentes (Tabela 2), indicam a tendência da idéia de ordem e estímulo visual em afetar positivamente a avaliação dos respondentes. Obteve-se resultado semelhante para a amostra de arquitetos (cenos 4, 8 e 6) e para a amostra de não-arquitetos com formação superior (cenos 4 e 6). As cenas consideradas mais insatisfatórias (cena 7 – cena com desordem contemporânea, cena 5 – cena com desordem histórica e cena 9 – cena com ordem e pouco estímulo contemporânea) revelam a existência de uma relação entre a idéia de desordem e a rejeição da aparência de cenas. A reação negativa causada pela aparência da cena 9 na maioria dos não-arquitetos com formação superior demonstra que apenas a idéia de ordem não é suficiente para produzir respostas positivas e que o pouco estímulo ou inexistência de estímulo pode criar uma monotonia, com consequências negativas.

**Tabela 2** - Cenas esteticamente mais satisfatórias e insatisfatórias

<b>Amostra Total (120)</b>	<b>Arquitetos</b>	<b>Não-arq com formação sup</b>
	<b>Cenas mais satisfatórias</b>	
Cena 4 (cena com ordem e estímulo histórica)	Cena 4 (cena com ordem e estímulo histórica)	Cena 4 (cena com ordem e estímulo histórica)
Cena 6 (cena com ordem e pouco estímulo histórica)	Cena 8 (cena com ordem e estímulo contemporânea)	Cena 6 (cena com ordem e pouco estímulo histórica)
Cena 8 (cena com ordem e estímulo contemporânea)	Cena 6 (cena com ordem e pouco estímulo histórica)	
<b>Cenas mais insatisfatórias</b>		
Cena 7 (cena com desordem contemporânea)	Cena 5 (cena com desordem histórica)	Cena 9 (cena com ordem e pouco estímulo contemporânea)
Cena 5 (cena com desordem histórica)	Cena 7 (cena com desordem contemporânea)	
Cena 9 (cena com ordem e pouco estímulo contemporânea)		

Nota: Não-arq com formação sup = não-arquitetos com formação superior; as cenas mais satisfatórias foram ordenadas a partir da mais satisfatória e possuem o percentual de respondentes satisfeitos visivelmente maior que o de insatisfeitos; as cenas mais insatisfatórias foram ordenadas a partir da mais insatisfatória e possuem o percentual de respondentes insatisfeitos, visivelmente, maior que o de satisfeitos.

#### **4.3 Identificação das cenas mais e menos preferidas e as razões que justificam a preferência**

Uma diferença estatisticamente significativa foi encontrada nas avaliações referentes à ordem de preferência das cenas, efetuadas pela amostra total de 120 respondentes (Kendall W,  $\chi^2 = 168,881$ , sig.=0.0000), pela amostra de arquitetos (Kendall W,  $\chi^2 = 83,505$ , sig.=0.0000) e pela amostra de não-arquitetos com formação superior (Kendall W,  $\chi^2 = 109,79$ , sig.=0.0000). A cena 4 (cena com ordem e estímulo histórico) foi considerada a mais preferida pela amostra de 120 respondentes (Tabela 3), o que foi explicado, especialmente, pela similaridade entre as formas e similaridade entre as alturas dos edifícios que compõem a cena (Tabela 4). Este resultado tende a ser reproduzido para os grupos de arquitetos e não-arquitetos com formação superior, não havendo uma diferença estatisticamente significativa entre os ordenamentos das cenas efetuados pelos dois grupos. Em contraposição, a cena 9 (cena com ordem e pouco estímulo contemporânea), foi avaliada como a menos preferida pela amostra total de 120 respondentes (Tabela 3). Este resultado mostra, novamente, que somente a idéia de ordem não é suficiente para gerar avaliações positivas e que o estímulo visual, quando muito baixo, pode influenciar negativamente a percepção estética. Foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa para a ordem de preferência da cena 9 entre arquitetos e não-arquitetos com formação superior (Mann-Whitney, sig= 0,000). Para os arquitetos, a cena 9 ocupou a quarta posição na ordem de preferência, sendo mais preferida que as cenas 7 e 5, ambas com desordem histórica (Tabela 3). As principais razões citadas para a rejeição da cena 5 (cena com desordem histórica) foram a diferença

entre as formas e a diferença entre as alturas dos edifícios que integram a cena (Tabela 4). Para os não-arquitetos com formação superior, a cena 9 foi justificada como a menos preferida, sobretudo, pela similaridade entre as formas (Tabela 4). Contudo, um percentual expressivo (36,7%) deste mesmo grupo menciona a diferença entre as formas para justificar a cena menos preferida. Logo, parece que a menção da “similaridade entre as formas” para justificar a cena menos preferida vem acompanhada da não explicitada idéia de monotonia.

**Tabela 3** - Ordem de preferência das cenas

Total			Arquitetos			Não-arquitetos com formação sup				
Cena	Pont	mv K	Cena	Pont	mv K	mvM-W	Cena	Pont	mv K	mvM-W
<b>4</b>	878	5,29	<b>4</b>	429	5,17	58,22	<b>4</b>	449	5,42	62,78
<b>6</b>	604	3,70	<b>8</b>	329	3,98	69,68	<b>6</b>	311	3,78	62,69
<b>8</b>	585	3,63	<b>6</b>	293	3,62	58,31	<b>5</b>	284	3,55	73,18
<b>5</b>	466	3,02	<b>9</b>	243	3,00	71,96	<b>8</b>	256	3,28	51,33
<b>7</b>	444	2,88	<b>7</b>	209	2,75	56,27	<b>7</b>	235	3,00	64,73
<b>9</b>	393	2,48	<b>5</b>	182	2,48	47,82	<b>9</b>	150	1,97	49,04

Nota: Pont=pontuação recebida pela cena; as cenas estão ordenadas por ordem de preferência; maior pontuação = maior preferência; Não-arquitetos com formação sup= não-arquitetos com formação superior; mv K - média dos valores ordinais, obtida através do teste Kendall W; mvM-W – média dos valores ordinais obtida através do teste Mann-Whitney U.

**Tabela 4** – Principais razões que justificam a preferência

Razões	Arquitetos	N-arq c f sup	Total	Sig	Phi
<b>Cena mais preferida</b>					
Similaridade entre as formas	65,0%	51,7%	58,3%	0,139	-0,135
Similaridade entre as alturas	68,3%	45,0%	56,7%	0,10	-0,235
Similaridade entre as cores	25,0%	26,7%	25,8%	0,835	0,019
Diferença entre as cores	15,0%	28,3%	21,7%	0,076	0,162
Diferença entre as formas	16,7%	20,0%	18,3%	0,637	0,043
Diferença entre as alturas	10,0%	10,0%	10,0%	1,000	0,000
Harmonia	6,7%	6,7%	6,7%	1,000	0,000
<b>Cena menos preferida</b>					
Diferença entre as formas	48,3%	36,7%	42,5%	0,196	-0,118
Diferença entre as alturas	50,0%	25,0%	37,5%	0,005	-0,258
Similaridade entre as formas	30,0%	41,7%	35,8%	0,183	0,122
Similaridade entre as cores	21,5%	25,0%	23,3%	0,666	0,039
Similaridade entre as alturas	21,7%	16,7%	19,2%	0,487	-0,64
Diferença entre as cores	13,3%	15,0%	14,2%	0,793	0,024
Monotonia da cena	11,7%	8,3%	10,0%	0,543	-0,056

Nota: N-arq c f sup= não-arquiteto com formação superior; os valores de sig e phi foram obtidos através de tabulação cruzada.

## 5 CONCLUSÕES

Pode-se concluir que a idéia de ordem com estímulo tende, claramente, a produzir reações estéticas positivas enquanto a idéia de desordem tende a gerar reações estéticas negativas. A idéia de ordem com pouco estímulo tende a originar avaliações positivas, mas não tão positivas quanto às avaliações causadas pela idéia de ordem e estímulo, podendo também gerar reações negativas.

O fato de ser uma cena histórica ou contemporânea não explica as diferenças entre as avaliações efetuadas por ambos os grupos, sugerindo que os atributos estéticos formais, capazes de gerar ordem, estímulo visual ou desordem, são preponderantes para justificar as avaliações estéticas das cenas. Logo, parece que muitas cenas históricas ou áreas de muitas cidades históricas tendem a ser preferidas em comparação às cenas ou áreas urbanas mais recentes não devido ao conhecimento sobre a história

das primeiras mas devido à idéia de ordem e estímulo normalmente existente em tais cenas, até porque parece ser o caso que muitas pessoas utilizam o termo histórico para justificar a preferência por determinadas edificações sem ter conhecimento acerca da história das mesmas. Segue que os resultados obtidos sustentam que a estética formal tende a explicar as avaliações estéticas efetuadas e que os aspectos simbólicos devido a possíveis associações, por exemplo, tal como valor histórico, não constituem explicações para diferenças avaliações.

Embora os arquitetos possam apresentar alguma tendência a valorizar mais a idéia de ordem do que os não-arquitetos com formação superior, as avaliações destes grupos foram semelhantes para a maioria das cenas, indicando que a natureza da formação acadêmica não interfere a ponto de promover discrepâncias relevantes quanto às preferências estéticas. Com base nos resultados apresentados também é possível sustentar que a abordagem da estética empírica consegue explicar “O que proporciona prazer às pessoas e por que” (LANG, 1987, p. 179), reforçando a idéia de que a beleza está mais no que é percebido do que nos olhos de quem vê. Concluindo, esta pesquisa contribui, por exemplo, para um melhor entendimento sobre a dicotomia entre estética filosófica e estética empírica, sobre o impacto da estética formal e da estética simbólica, assim como acerca das avaliações estéticas de pessoas com distintos tipos de formação acadêmica.

## 6 REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, R. **The dynamics of architectural form**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1977.
- GROAT, L. Contextual compatibility in architecture: An issue of personal taste? In: NASAR, J. **Environmental aesthetics**: Theory, research, and applications. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1988. p. 228-253.
- LANG, J. **Creating architectural theory**: The role of the behavioural sciences in environmental design. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.
- LANG, J. Symbolic aesthetics in architecture: Toward a research agenda. In: NASAR, J. **Environmental aesthetics**: Theory, research, and applications. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1988. p.11-26.
- LOZANO, E. Visual needs in urban environments and physical planning. In: NASAR, J. **Environmental aesthetics**: Theory, research, and applications. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1988. p. 395-421.
- MARTINDALE, C. Aesthetics, psychobiology, and cognition. In: FARLEU, F.; NEPERUD, R. **The foundations of aesthetics, art, & art education**. New York: Praeger, 1988. p. 7-42.
- NASAR, J. New developments in aesthetics for urban design. In: MOORE, G. T.; MARANS R. W. **Advances in environment, behavior, and design**. Toward the integration of theory, methods, research, and utilization. New York: Plenum, 1997. v.4, p. 149-193.
- NASAR, J. **The evaluative image of the city**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.
- PORTEOUS, J.D. **Environmental aesthetics**: Ideas, politics and planning. London: Routledge, 1996.
- PRAK, N. **The visual perception of the built environment**. Delft: Delft University Press, 1985.
- PURCELL, A. T. The aesthetic experience and mundane reality. In: CROZIER, W. R.; CHAPMAN, A. J. **Cognitive processes in the perception of art**. Amsterdam: North-Holland, 1984. p. 189-210.
- REIS, A.; LAY, M.C. Avaliação da qualidade de projetos – uma abordagem perceptiva e cognitiva. **Revista Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.6, n.3, p.21-34, 2006.

SADAN, E.; CHURCHMAN, A. Global Sustainability and Community Empowerment. In: INTERNATONAL ASSOCIATION FOR PEOPLE-ENVIRONMENT STUDIES, 14., 1997, Stockholm. **Proceedings...** Stockholm, Sweden: Royal Institute of Technology (KTH), The Department of Architecture and Townplanning, 1997. p. 184-192.

VON MEISS, P. **Elements of architecture** - From form to place. London: E & FN Spon, 1993.

WEBER, R. **On the aesthetics of architecture, a psychological approach to the structure and the order of perceived architectural space**. Aldershot, UK: Avebury, 1995.

## **7 AGRADECIMENTOS**

Além dos agradecimentos ao CNPq e à FAPERGS pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa, agradecimentos são prestados à RS Projetos, pelas fotografias cedidas, ao IPHAN, IPHAE, e EPAHC, pela listas das edificações tombadas, e aos docentes e funcionários da UFRGS, assim como aos arquitetos de outras instituições e/ou escritórios privados, que participaram desta pesquisa.